

don 63391

3



UNIÃO

BOLETIM DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS Nº 1



- EDITORIAL
- ALGUMAS IDEIAS ERRADAS SOBRE .
O MOVIMENTO ASSOCIATIVO .
- EMIGRAÇÃO, ASSOCIATIVISMO E RADICALISMO .
- AS TAREFAS ACTUAIS PARA A REALIZAÇÃO
DOS I JOGOS FLORAIS PORTUGUESES .
- EM LUTA PELA DEMOCRACIA INTERNA .
- COMO BATER UM STENCIL .

8º P 6262

Março / Abril 1973





estudo dos trabalhadores emigrados e o fim dos seus estudos de estatística em relação aos seus empregadores.

Uma questão que não poderá ser deixada de lado no contexto da luta dos trabalhadores emigrados portugueses no estrangeiro é a existência de uma tal unidade que será um factor importante de divisão da classe operária dos países para onde emigram os trabalhadores portugueses?

Sobre esta questão têm-se manifestado duas posições erradas.

1. - AS TENDÊNCIAS CHAUVINISTAS

O movimento associativo das classes emigradas. Por durante vários anos dirigido pelos agentes do fascismo português na emigração. Actua, que criou associações como a Associação Regional dos Portugueses em França, (ANPF), baseadas toda a sua actividade ideológica na propagação do odio dos trabalhadores de féria. chauvinistas. Uma entrevista concedida ao jornal "Mundo Português", J.M. Freire, director do Banco Piato & Sobrinho Naves, declarou referindo-se às associações portuguesas no estrangeiro: "Esta vontade de associação corresponde a um sentido, de um certo modo patriótico, certamente a um levante para garantir de sentimentos nacionalistas que a separação não faz esquecer". É também com o fim de excitar o chauvinismo entre os emigrados que é frequente ler-se nos vultros-revisionistas jornais fascistas na emigração protestos desagregados contra as más condições de habitação dos emigrantes portugueses.

Nesta tendência de divisão da classe operária dos países para onde emigram, o fascismo português tem o apoio da burguesia local para quem, na sua opinião dizer, os emigrantes não são "um factor de desenvolvimento dos perfis sociais".

Não podemos deixar de notar que esta ideologia chauvinista de divisão dos emigrantes em associações nacionalistas, é uma manifestação de uma mentalidade de "cordeiro de papel", em todas as associações de trabalhadores emigrados.

Esta há pouco, a existência de correntes de opinião de tendência chauvinista emigrada, é um factor de divisão da classe operária dos países para onde emigram.

Preço 3 F.
Uma assinatura de três numeros 10 F

Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados
56, Rue de la Fontaine-au-Roi, 75011 PARIS



Primo 38.
Una assinatura de los miembros 10 F

Movimiento de Trabajadores Franceses Unidos
50, Rue de la Fontaine-au-Roi, 75011 PARIS



autónoma dos trabalhadores emigrados é o fim dos seus sonhos de cavaleiros andantes das massas trabalhadoras

Duas questões que são postas com frequência são as seguintes: porquê uma união de trabalhadores portugueses no estrangeiro? A existência de uma tal união não será um factor suplementar de divisão da classe operaria dos países para onde emigram os trabalhadores portugueses?

Sobre esta questão têm-se manifestado duas posições erradas.

1. - AS TENDÊNCIAS CHAUVINISTAS

O movimento associativo das massas emigradas foi durante vários anos dominado pelos agentes do fascismo português na emigração. Estes, que criaram associações como a Associação Nacional dos Portugueses em França, (ANPF), basearam toda a sua actividade ideológica na propagação no seio dos trabalhadores de ideias chauvinistas. Numa entrevista concedida ao jornal "Mundo Português", J.M. Freire, director do Banco Pinto & Sotto Mayor, declarou referindo-se às associações portuguesas no estrangeiro: "Esta vontade de associação corresponde a um sentido, de uma certa maneira patriótico, certamente a um louvável guardar de sentimentos nacionais que a separação não faz esquecer". É também com o fim de exacerbar o chauvinismo entre as massas que é frequente ler-se nos ultra-reaccionários jornais fascistas na emigração protestos demagógicos contra as más condições de habitação dos emigrantes portugueses.

Nesta tentativa de divisão da classe operária dos países para onde emigramos, o fascismo português tem o apoio da burguesia local para quem, no seu próprio dizer, os emigrantes são "um factor de apaziguamento dos conflitos sociais".

Não podemos pensar que esta ideologia chauvinista se verifica unicamente nas "associações nacionais" fascistas. Ela manifesta-se, com maior ou menor vigor, em todas as associações de trabalhadores portugueses emigrados.

Ainda há pouco, membros da direcção de uma associação independente acusavam de "antiportuguesismo" os que falavam da necessidade de união de todos os trabalhadores. Outros há que dizem que "os trabalhadores franceses, alemães, holandeses vivem à nossa custa e portanto não temos nada que lutar com eles".

Certas reacções à publicação do símbolo do MPE são bas-

tante expressivas. Houve protestos contra a estrela vermelha de cinco pontas, símbolo da solidariedade entre os trabalhadores de todo o mundo, e estes protestos vieram da parte de antifascistas. Nas conclusões da 1ª RIA, nem uma única referência é feita à necessária solidariedade activa com os trabalhadores dos países para onde emigramos, o que constitui uma lacuna grave na vigilância que o MTPE tem de evidenciar no combate ao chauvinismo.

2. - AS TENDÊNCIAS ESQUERDISTAS

Soeiro Sarmento, no jornal "Notícias da Amadora" de 6 de Maio de 1972, punha a seguinte questão: "Para as associações ligadas à União, há o objectivo de levar as diversas camadas da emigração a uma participação na vida operária dos países onde se encontram ou apenas uma tendência voltada para o país de origem, criando nesse aspecto um 'ghetto' sem que o emigrante-trabalhador participe na acção da classe operária local?"

Camaradas¹ há, sobretudo naturais dos países onde trabalhamos, que nos põem a mesma questão de S. Sarmento. E não só põem essa questão como afirmam que a criação de organizações de emigrantes é um factor de divisão da classe operária. Eles dizem que só se devem criar organizações comuns a todos os trabalhadores. Palavras de ordem justas como: "Trabalhadores Alemães — Emigrados Unidos!", "Trabalhadores Holandeses — Emigrados Unidos!" são gritadas, sem nenhuma análise de como atingir essa unidade. Para estes idealistas, tudo se resolveria por um golpe de varinha mágica. Eles afirmam que no seio da classe operária não há contradições e que tudo vai pelo melhor; que todos os trabalhadores têm as mesmas reivindicações, etc.

3. - AS CONTRADIÇÕES NO SEIO DA CLASSE OPERÁRIA

A divisão da classe operária, sobre a qual assenta o domínio da burguesia, é o produto da competição entre operários, é

(1) Referimo-nos neste artigo única e exclusivamente aos grupos e indivíduos que criticam a organização autónoma das massas emigradas numa posição esquerdista. Noutro artigo analisaremos a posição daqueles que, dizendo-se defensores dos interesses da classe operária, tentam utilizar eleitoralmente o chauvinismo e destruir as organizações dos emigrantes.

o produto das contradições que existem entre os interesses de várias camadas do operariado.

As organizações unitárias da classe operária (sindicatos, por exemplo) nasceram da tomada de consciência da necessidade de transformar a competição entre operários em competição com o capital.

Estas contradições agudizam-se particularmente no caso dos países capitalistas do Mercado Comum onde existe um proletariado com longas tradições de luta unitária e ao qual se vem juntar uma massa de emigrantes de origem camponesa, com aspirações individualistas

Assim, por exemplo, enquanto para um proletário francês as 8 horas de trabalho são uma conquista da classe operária, para uma parte dos camponeses portugueses emigrados, essa conquista é um freio às horas suplementares que lhes permitem, pensam eles, amealhar o dinheiro suficiente para voltarem a ser camponeses.

Por outro lado, os trabalhadores emigrados, que são a camada mais explorada do proletariado, dão ao capital enormes lucros que permitem à burguesia aumentar os salários dos trabalhadores indígenas e criar assim as bases materiais do desenvolvimento do racismo de que somos muitas vezes vítimas.

Não é escondendo as contradições existentes no seio do povo que seremos capazes de lhes dar uma justa solução e contribuir para a unidade da classe operária.

Perante os constantes ataques do capital contra o conjunto da classe operária, os trabalhadores emigrados e indígenas tendem a substituir a competição entre si, a resistência contra o capital.

São cada vez mais numerosos os trabalhadores portugueses emigrados que constataam na prática a impossibilidade de amealhar o dinheiro com que sonhavam.

A crise que os países capitalistas do Mercado Comum atravessam vem agravar duramente as condições de vida dos trabalhadores emigrados. Uma série de leis são votadas pelos parlamentos burgueses desses países: "Lei do Terror" na Suécia, cópia fiel do "Regulamento Policial dos Estrangeiros (A.P.U.O.)" feito em 1938 pelo governo do sanguinário nazi Hitler, na Alemanha, circular Fontanet, em França, que vêm aumentar o controle e a repressão sobre os emigrantes, ao mesmo tempo que procuram agudizar as contradições existentes no seio da classe operária.

Só analisando essas contradições, só determinando correctamente quais as reivindicações específicas dos trabalhadores emigrados, seremos capazes de combater o individualismo e contribuir para a unidade.

4. - OS PROBLEMAS ESPECÍFICOS DOS EMIGRANTES

Os principais factores que levam, quer queiramos ou não, os trabalhadores portugueses a unirem-se espontâneamente entre eles são pois:

a) o facto de serem parte integrante da camada mais desfavorecida da classe operária - os emigrantes;

b) o estarem sujeitos a leis particulares que os privam das mesmas liberdades associativas e políticas dos elementos indígenas da classe operária;

c) o estarem amarrados a um patrão por uma carta de trabalho e de estadia, a que vem juntar-se o controle e as pressões que as forças repressivas exercem através das mesmas;

d) a aspiração comum de voltarem a viver em Portugal, num Portugal onde tenham a Liberdade, a Paz, o Pão, a Terra e a Independência. Para conseguir isto, a maioria procura ainda uma solução individualista;

e) a língua e as tradições culturais comuns;

f) a concentração dos emigrantes em "ghettos" por nacionalidade tanto nas fábricas como nos locais de habitação, o que ainda os aproxima mais.

A todos estes pontos vem juntar-se a passividade e o atraso político das massas emigradas, o que exige um trabalho prolongado de educação.

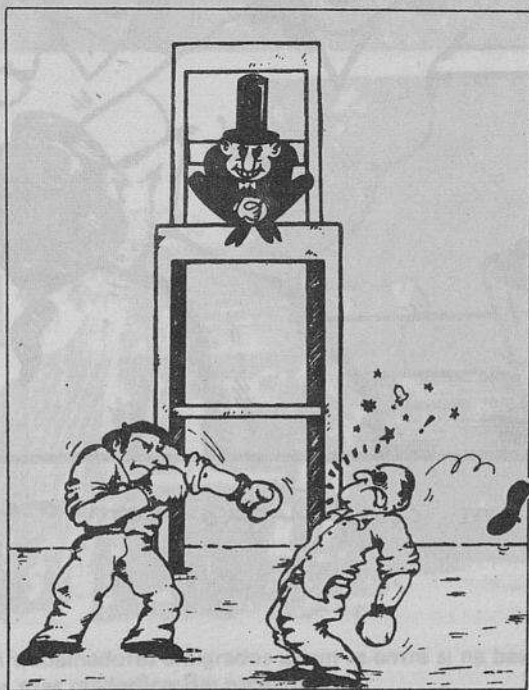
Negar o movimento espontâneo das massas emigradas portuguesas para se unirem é uma imbecilidade digna de construtores de castelos no ar, é não ir buscar a base real de agitação aos verdadeiros elementos de agitação desta parte da classe operária, mas ter traçado na sua cabecinha o esquema de como as coisas se deveriam passar e depois tentar impô-lo à realidade.

O que é necessário é tomar a cabeça deste movimento e orientá-lo para bases justas. E aproveitar esta condição favorável - a unidade para combater o atraso político e a passividade das massas emigradas. A prática tem demonstrado que unidos no seio das associações menbras do MTPE, os trabalhadores emigrados são em seguida muito mais predispostos à unidade com o resto da classe operária. Foi isto que se passou em França,

onde, impulsionados pelo Encontro Português de Puteaux, operários e operárias portuguesas de uma lavandaria empreenderam uma greve em solidariedade com um trabalhador francês despedido.

É pelos mesmos motivos que existem Uniões de mulheres, isto é, devido às suas reivindicações próprias e ao seu atraso político. A existência das Uniões de mulheres, quando estas tinham uma linha proletária e não feminista de esquerda ou de direita, não foi nem é um factor de divisão da classe operária, mas, pelo contrário, acordou a consciência de milhares de mulheres para a necessidade de lutarem ombro a ombro com os outros operários do sexo masculino para a emancipação comum das classes trabalhadoras.

Como o disse correctamente "O Salto" nº14, na sua apresentação do simbolo do MTPE, "A nossa União, embora dela faça parte, não será a união dos trabalhadores de todo o mundo, nem a união dos trabalhadores dos países onde estamos, ela será a União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados."



*Transformar a competição
entre os operários...*



... em competição com o capital.



Os trabalhadores emigrados unem-se entre si na base das suas reivindicações específicas.

EMIGRAÇÃO, ASSOCIATIVISMO E RADICALISMO

0. - INTRODUÇÃO

No "Comércio do Funchal", de 7 de Setembro de 1972, Júlio Henriques apresentava uma panorâmica pretensamente polémica do movimento de massas emigradas que só vem ajuntar confusão.¹

Se resolvemos rebater as concepções erradas aí expostas, apesar do completo isolamento em que se encontra Júlio Henriques, é porque elas vão contra os princípios fundamentais da vida associativa. Colocá-las no seu devido lugar é uma boa ocasião para definir os princípios que devem reger a orgânica do movimento associativo das massas emigradas.

1. - ALGUMAS PRECISÕES SOBRE O MOVIMENTO ASSOCIATIVO NA EMIGRAÇÃO

Espontâneamente, as massas emigradas têm tendência para se unirem em associações cuja actividade principal, na maioria dos casos, é o futebol, mas onde surgem outras actividades: culturais, recreativas e mesmo sociais.

Durante muito tempo, este movimento espontâneo esteve dominado pelo chauvinismo, e ao serviço dos bancos e consulados portugueses na emigração.

A sede da principal associação de portugueses em França - a Associação Nacional dos Portugueses em França - esteve durante vários anos instalada na sede do Banco Franco-Portugais D'Outre mer. Numa entrevista concedida ao quinzenário "Mundo Português"², J. M. Freire, director do Banco Pinto & Sotto Mayor em Paris, declarou, referindo-se às associações portuguesas: "Esta vontade de associação corresponde a um sentido, de uma certa maneira patriótico, certamente a um louvável guardar de sentimentos nacionais que a separação não faz esquecer."

1. Ver o artigo "Emigração e Associativismo".

2. Porta-voz das "associações nacionais" em França.

A Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular, criada em 1966, foi a primeira tentativa de oposição à política associativa anti-popular das "associações nacionais"³. Mas, se de facto a Liga foi, neste capítulo, precursora não soube sair dos limites em que a fecharam os intelectuais radicais pequeno-burgueses que foram formando sucessivamente a quase totalidade das suas direcções e da massa associativa.

A razão da lenta organização da Liga não está nas suas "crises", nem no abandono da mesma pelos "progressistas" como afirma Júlio Henriques, mas sim na incapacidade de comunicação com as massas — e ainda bem! — dos "progressistas" intelectuais radicais que abundaram na Liga.

O aparecimento, em 1972, do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados (MTPE) é a primeira tentativa de criação de um associativismo popular a nível de toda a emigração. Não é pois de admirar que os intelectuais radicais estilo Júlio Henriques, para quem a organização autónoma dos trabalhadores é o fim dos seus sonhos de cavaleiros andantes das massas trabalhadoras, tomem o MTPE como seu principal alvo e o classifiquem de sectário.

Veremos em seguida como, tentando mostrar que o MTPE defende uma concepção grupista do movimento associativo, o infeliz Júlio Henriques acaba por defender da primeira à última linha do seu texto uma concepção de facto grupista e sectária.

2. — LINHA ASSOCIATIVA E LINHA GRUPUSCULAR

O movimento associativo nasce do movimento espontâneo das

3. Desde 1965 que existe um "movimento" de associações independentes das "associações nacionais", denominadas "os Originários de Portugal" e criadas por iniciativa da central sindical francesa C.G.T. Este movimento tem estado completamente dominado pelas concepções políticas eleitoralistas e chauvinas reinantes na C.G.T., para quem os emigrantes não têm interesse porque não têm direito de voto. "Os Originários de Portugal", recusando as reivindicações específicas dos trabalhadores emigrados e pondo o acento única e exclusivamente no facto de eles serem emigrantes, têm caído no mesmo tipo de trabalho das "associações nacionais". Projectam filmes estilo "ACruz de Ferro" e "Fado", vegetam num completo isolamento das massas emigradas.

massas emigradas para se unirem. Nasce de um determinado número de reivindicações e aspirações específicas das massas emigradas, como sejam a cultura, a língua, os problemas sociais e a aspiração comum de voltarem a viver em Portugal.

Este movimento existe, quer os intelectuais radicais desenvolvam as suas concepções no café do Luxemburgo⁴ quer as desenvolvam nas associações.

O movimento associativo não pode partir de um esquema já feito, portanto sectário, estabelecendo o que ele devia ser. O que é necessário é tomar a cabeça do movimento, arrancá-lo às influências antipopulares e orientá-lo para bases associativas justas.

Ora Júlio Henriques afirma no artigo citado: "Em fins de 1971, no final do ano associativo este grupo de pessoas o grupo de que fazia parte Júlio Henriques teve a iniciativa de convidar para as novas eleições pessoas e grupos dos diversos sectores ideológicos, ciente de que só a confrontação de ideias e práticas poderia retirar a LPECP do fardo grupista em que permanecia."

Assim, como consequência do que Júlio Henriques afirma, vimos o seu grupo "ideológico" defender a teoria de que a única maneira de fazer sair a Liga do grupismo era que os grupos, ao mesmo tempo que se debatiam, desenvolvessem trabalho próprio à sua corrente ideológica. Pensando que da soma aritmética do trabalho dos diversos "sectores ideológicos" nasceria um movimento associativo, os radicais abandonavam à mercê das "associações nacionais" e outras correntes antipopulares o verdadeiro movimento de massas existente.

Uma associação de massas não é dirigida por grupos cujos dirigentes se autodeterminem e se confrontem em amigáveis ou sangrentos bate-papos longe delas. As associações de trabalhadores emigrados são dirigidas pelos trabalhadores eleitos em assembleias democráticas, não tendo por base o grupo a que pertencem, nem constituindo a soma dos diversos grupos que aí puderem existir; mas sim na base do programa que seja apresentado aos associados.

4. Café do "Quartier Latin" (Bairro Latino) em Paris onde, sentados frente a uma bica, os intelectuais radicais fazem "política".



Esta é a única forma de aplicar a democracia e dar aos associados a direcção das suas colectividades. Defender esta orientação não é escamotear, como os fascistas, a luta de classes, nem ser contra as organizações políticas. Sabemos muito bem que a classe operária tem o seu Partido e que a burguesia tem vários. Não devemos também deitar-nos poeira aos olhos e dizer: partidos políticos, isso não existe nas associações! Uma vez que estas são organizações de massas, os vários partidos existentes desenvolvem aí a sua actividade, procurando mover a sua influência. Alguns deles declaram abertamente nos seus programas e demais publicações que é seu dever trabalhar no seio das organizações de massas.

No entanto, não podemos permitir a confusão entre associações de massas e partidos e devemos combater aqueles que, a exemplo de Júlio Henriques o fazem. Um partido é uma organização fechada aos elementos que não estejam de acordo com as suas posições políticas e ideológicas mais ou menos precisas.

Um partido social-democrata só está aberto aos sociais-democratas, um partido comunista, aos comunistas, etc. Uma associação de massas, ao contrário, deve unir o conjunto dos trabalhadores para fins precisos, independentemente da ideologia de cada um.

O sectarismo não é a defesa de uma dada posição ideológica o mais precisa possível, como Júlio Henriques dá a entender. Nem é o triunfo no seio do movimento de massas de uma dada corrente ideológica defendida por um dado grupo, que, como a história o prova, acaba sempre por acontecer. Será que era sectário e grupista o Partido do Trabalho do Vietnam, que viu triunfar a sua justa política de frente nacional anti-imperialista? Que para isso uniu o conjunto do povo vietnamita. Será que ele terá culpa de dezenas de grupúsculos, reclamando-se de Trotsky e outros, não terem sabido ligar-se às massas? Será que se o Partido do Trabalho do Vietnam tivesse feito uma salada russa com esses grupúsculos, não teria tido uma posição sectária?

Perguntas a que Júlio Henriques teria dificuldade certamente em responder.

Sectarismo é a forma como os intelectuais radiacais sonham que devia tomar o movimento associativo, e que depois tentam impor-lhe.



Ultra-sectarismo é tentar impor ao movimento associativo a linha de um ou vários grupos políticos que, desde o início, se atribuíam o posto de direcção. Para Júlio Henriques, isto não é grupismo; só o é se o seu grupo não fizer parte da seita.

Vejam os outra tentativa falhada dos radicais ao tentarem impor a orientação do seu grupo, "dum dado" "sector ideológico", ao movimento associativo.



3. - FEDERAÇÃO OU ASSOCIAÇÃO-MÃE ?

O sonho dos radicais, ao invadirem a Liga, era de, com ela, dominar os clubes já existentes. É que, como bons intelectuais burgueses, eles subestimavam a capacidade dos trabalhadores que os dirigiam e pensavam que duas balelas chegavam; por outro lado o trabalho no seio dos clubes não é para eles. Júlio Henriques chama a isso, com desprezo, "contacto com as massas".⁵ Desde 1968, os radicais começaram a defender que a Liga devia unir a ela os diferentes clubes. Nos casos em que isto se passou, os clubes não tratavam com a Liga de igual para igual, mas sim tinham 3 ou 4 sócios na Assembleia Geral da Liga, dominada por dezenas de radicais. Posteriormente, os clubes desligaram-se e passaram a tratar com a Liga de igual para igual, como se passou, por exemplo, em 1970, com o Clube dos Jovens Trabalhadores de Paris.

Mas vejamos a posição de Júlio Henriques. Depois de afirmar que o grupo de "O Salto" era contra o facto da Liga organizar clubes e dando um caso concreto, escreve: "A argumentação dos elementos de "O Salto" foi que a LPECP não devia ter clubes".⁶

Ora vejamos a realidade e o sectarismo desta posição. A Liga não é uma federação de associações. Ela é uma associação com uma Assembleia Geral própria como qualquer outra. Se a função da Liga fosse "ter clubes", os demais clubes da emigração estariam submetidos à A.G. da Liga e não tratariam com ela de igual para igual. Todos os clubes da Europa seriam controlados pela A.G. do "Quartier Latin". Isto seria uma maneira fácil para os grupúsculos de intelectuais pequeno-burgueses, estilo Júlio Henriques, que até 1971 dominavam a Liga, dominarem o conjunto do movimento associativo. Mas é estranha a maneira de conceber a democracia e o combate ao grupismo. Era também demasiado belo para ser verdade e os clubes que eles pensavam dominar não passavam de moinhos de vento.

A 1ª Reunião Inter-Associativa das Associações de Trabalhadores emigrados definiu a construção da União dos Trabalhadores Emigrados de uma outra maneira. Nas RI-As cada associação tem direito a um voto e só têm direito a voto as associações. Estas

5. Ver o artigo citado, página 9, 1ª coluna.

6. Artigo citado, p. 9, 2ª coluna.



estabelecem relações entre elas em absoluto pé de igualdade, independente do número de socios que cada uma tenha e mantêm a sua total autonomia. A Liga, se um dia vier a fazer parte do MTPE, não será a associação-mãe mas sim mais uma associação com o mesmo voto que qualquer outra. Todos estes princípios se acham inscritos nos estatutos do MTPE, que podem ser obtidos na sua sede, 56, rue de la Fontaine au Roi 75011 Paris, onde funciona a sua comissão permanente.

Não tem qualquer fundamento a sórdida mentira do falsário Júlio Henriques que, aproveitando-se da ignorância que reina em Portugal em relação aos problemas da emigração, afirma no "Comércio do Funchal", referindo-se ao MTPE: "Sem estatutos nem sede, não se sabendo publicamente quem o dirige".⁷

4. - LIBERDADE DE EXPRESSÃO E EXPRESSÃO DA OPINIÃO DA MAIORIA

As direcções das associações não são o porta-voz da opinião do sócio isolado, elas estão ligadas a um programa aprovado em A.G. que representa a posição defendida pela maioria dos associados e, portanto, as direcções não podem defender a opinião particular de um sócio se esta não corresponde à da maioria, mesmo se esse sócio é membro da direcção.

Esta é a verdadeira democracia que rege o MTPE, afasta a falsa democracia burguesa em que de facto a opinião individual de alguns se opõe e impõe à opinião da maioria. Isto não impede que os órgãos dirigentes devam velar para que as minorias se possam exprimir livremente no seio das associações.

É evidente que, dentro dos princípios democráticos, os órgãos não podem estar abertos a toda a gente, pois deles só podem fazer parte quem os sócios tenham eleito. Não tem portanto sentido esta outra "contestação" do radical Júlio Henriques, quando afirma que o MTPE não inspira confiança "porque a participação nos seus órgãos dirigentes não está aberta a toda a gente".⁸

Compreendemos, finalmente, o que ele entende por impedir a expressão de "vozes discordantes"; para ele uma direcção devia

7. Artigo citado, p. 10, 1ª coluna.

8. Mesmo local, p. 9, 2ª coluna.

ser formada do seguinte modo:

Na A.G. apareciam 5 opiniões diferentes, uma delas maioritária; cada uma dessas opiniões teria um membro na direcção; as vozes discordantes exprimir-se-iam e a opinião da maioria ficaria abafada.

Estão dentro da mesma linha de pensamento as suas concepções sobre um jornal popular, ao serviço de um movimento associativo: "as páginas de 'O Salto' não estão abertas a todos os pontos de vista", contesta Júlio Henriques.⁹

"O Salto", vê-se bem através da sua leitura, não é, de facto, um jornal aberto a todos os pontos de vista; há mesmo pontos de vista que aí são duramente atacados. Isto é um motivo de grande regozijo para todo o associativista emigrado que se coloca na posição de defesa dos interesses dos trabalhadores.

Que utilidade poderia ter para nós um jornal que numa página defendesse os interesses da classe operária e noutra os da pequena burguesia radical. Como poderíamos submeter a expressão das aspirações das largas massas oprimidas à expressão das aspirações de meia dúzia de cow-boys da política?

Quer isto dizer que, no jornal "O Salto" não têm aparecido vozes discordantes? A sua leitura mostra-nos que isso não é verdade. Mostra-nos que, se por um lado a opinião da redacção é uma única, ela representa, para além da opinião de cada um dos seus membros, a defesa da opinião da maioria dos colaboradores de "O Salto" e a defesa da orientação traçada pelas associações na 1ª RIA para o MTPE; e que, por outro lado, no "Salto" se têm livremente exprimido críticas e opiniões diversas existentes no seio das massas trabalhadoras. E estamos seguros que quanto maior for a ligação do jornal "O Salto" com as massas emigradas menos lugar haverá para posições divergentes e mais se imporá a opinião dos que de facto defendam os interesses da maioria.

DEZEMBRO DE 1972

Pedro Rocha

Do conjunto das posições de Júlio Henriques podemos concluir que se elas merecem ser estudadas é porque são de facto representativas das tentativas de uma classe, a pequena burguesia, para dominar o movimento associativo das massas emigradas.

Nós não devemos dizer: aconteça o que acontecer, os "radicais" serão destruídos. Devemos é estar extremamente vigilantes e combater àrduamente as tentativas da pequena burguesia, quer elas apareçam nos seus aspectos direitistas ou esquerdistas, para impedir as massas trabalhadoras de tomarem em mãos o seu destino.

As Tarefas Actuais Para a Realização dos I Jogos Florais Portugueses

0. - INTRODUÇÃO

É já nos dias 9, 10 e 11 de Junho que terão lugar os I Jogos Florais Portugueses na emigração, a coroação de todo o trabalho das associações do MTPE deste ano. Durante esses 3 dias desfilarão os artistas populares com as suas canções, poesias, ranchos, peças de teatro, etc., fazendo dos I Jogos Florais uma grandiosa festa popular, um grande encontro de todos os trabalhadores portugueses espalhados pela Europa. Este festival cultural e desportivo de trabalhadores sera o primeiro que dará efectivamente a palavra aos trabalhadores portugueses. Através da música, do teatro, da poesia, do desporto, o nosso povo exprimirá as suas alegrias, os seus sofrimentos, as suas esperanças.

Para a sua concretização, para que a ideia da União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados seja estendida a milhares de pessoas, impõe-se-nos o cumprimento de certas tarefas, sem que este festival não terá a expansão que todos lhe queremos dar.

Já estamos no fim de Fevereiro e ainda muita gente não ouviu falar dos Jogos Florais. Imprimimos cartazes e outra pro-

paganda mas falta levá-los a cada canto onde se encontram portugueses. Marcou-se há um ano o fim das inscrições para o concurso (31 de Março) e, embora tenhamos já recebido bastantes inscrições, elas estão ainda longe do que as nossas possibilidades permitem.

Se, por um lado, este facto é devido a erros de trabalho (atrás de propaganda, sobretudo) que reconhecemos e tentamos reparar, por outro lado, parece-nos que nas várias associações e localidades onde há colaboradores do MTPE e do jornal "O Salto" não se tem dado a devida importância à propaganda dos Jogos e ao incitamento à formação de grupos, de equipas ou à preparação de obras para concorrer aos Jogos Florais.

1. - O NOSSO TRABALHO NA FASE ACTUAL

1.1. Propaganda para a inscrição e participação.

Pensemos nesta coisa simples: as inscrições acabam no dia 31 de Março; se possíveis concorrentes sabem da existência dos Jogos Florais no dia 30 do mesmo mês, é fácil deduzir que não serão inscritos. Há pois que acelerar a propaganda dos Jogos e incitar os participantes a inscreverem-se o mais cedo possível.

Nós queremos que o maior número de artistas populares, de grupos, de clubes, equipas de futebol, etc., participem nos I Jogos Florais, que em Paris se reúnem trabalhadores de todas as localidades, que se apresente um grande número de obras literárias e artísticas. Para isso, devem as direcções dos vários clubes e camaradas que trabalham nas várias localidades dar grande importância à propaganda dos Jogos e criar à sua volta um grande movimento, em que todas as pessoas devem colaborar, para inscrever os participantes. Deve-se dar a conhecer os Jogos ao maior numero de pessoas, incentivar os colaboradores e todos aqueles que trabalham mais perto de nós, de maneira a que eles encontrem e contactem outros, que inclusivamente não conhecemos. Não devemos deixar de distribuir os boletins de inscrição e os regulamentos. Não devemos sobretudo - e esta é uma ideia frequente - esperar que os concorrentes venham ter connosco porque isso nunca acontecerá! Não confundamos o nosso interesse e entusiasmo com o das outras pessoas. Não haverá ainda pessoas que trabalham perto de nós e nunca lhes dissémos para concorrer ou pedimos para falar aos seus amigos sobre os Jogos? Comunicemos o nosso entusiasmo aos sócios dos clubes e descobriremos como eles podem colaborar estreitamente connosco

na realização das nossas tarefas.

Também em Portugal há possíveis concorrentes. O nosso Movimento ainda não é hoje muito conhecido no nosso país, mas não podemos ficar por esta simples constatação. Lá encontraremos concorrentes, trabalhadores que, devido à opressão fascista, não podem dar a conhecer os seus trabalhos. Para Portugal deve-se seguir o mesmo processo de inscrição e incentivo que utilizamos para a emigração: eu conheço o Joaquim e inscrevo-o; o Joaquim conhece o António e o Manuel e inscreve-os, etc. O caso dos possíveis concorrentes de Portugal mostra bem o que dissemos acima: se não activarmos as inscrições, se não levarmos as pessoas a prepararem a sua entrada em concurso, se não fazemos propaganda, os Jogos passarão despercebidos. Claro que o caso de Portugal é o extremo (pois, se não contactamos aqueles que moram na mesma cidade ou região, muito menos o faremos com aqueles que estão em Portugal. Mas ele mostra bem que não podemos ficar de braços cruzados.

Devemos também activar a formação de grupos. Em muitas localidades há indivíduos isolados que poderiam formar um rancho, um grupo de teatro, uma equipa de futebol, um conjunto típico, etc., mas que não o fazem pelo simples facto que nenhum deles tem essa iniciativa. Isto é uma realidade! Fugir a isto é cair num erro grave. Mais uma vez as direcções dos clubes, os seus colaboradores, devem tomar esta tarefa em mãos e tornar-se os motores da criação de grupos.

Uma das ideias que propomos para a realização desta tarefa da máxima importância é que as direcções das associações façam reuniões, o mais rapidamente possível, com o máximo de participantes em que se explique o que são os Jogos Florais e em que se pergunte quem conhece tocadores, cantores, poetas, etc. e os pode ir contactar até uma data fixada nessa reunião. Este é um método seguro que comprovamos na prática. Se nessas reuniões souberem de pessoas que não podem contactar, enviem as suas moradas para a Direcção dos Jogos, que ela se encarregará de o fazer ou de o indicar à pessoa que se ocupa dos Jogos na região.

1.2. As inscrições.

Enviamo-vos os boletins de inscrição e o regulamento geral com o "recibo" de inscrição. Este deve ser um dos vossos instrumentos, mais um meio de activar as pessoas, de activar as pessoas, de as interessar pelo trabalho que têm de realizar para prepararem a sua entrada nos Jogos. É normal que se fique

mais estimulado depois de ter lido um papel onde vêm dados concretos (regulamento, modalidades a que podem concorrer) do que ouvir falar vagamente duma "coisa a fazer em junho". Ao mesmo tempo, o boletim de inscrição é para nós uma garantia de que as pessoas inscritas vão participar.

1.2.1. Como preencher as folhas.

Devem ser apresentadas ao possível concorrente as duas folhas. Depois de ele ter lido o regulamento e ter ficado esclarecido, deve preencher o boletim de inscrição. O pseudónimo será utilizado facultativamente para aqueles que inscreverem o seu nome verdadeiro. Mas para aqueles que não o querem dar a conhecer (é talvez o caso dos concorrentes de Portugal) é obrigatório, para termos uma referência. No caso do concorrente não querer dar a conhecer o seu nome e morada ao MTPE, preenche só as linhas "Pseudónimo" e "Modalidade". Nesta última não devem vir nunca indicados os nomes das obras, canções, etc., mas apenas as secções (ex.: teatro, fotografia, futebol, etc.). O verso do regulamento deve ser preenchido pela pessoa que falou com o concorrente. Esta folha é, para o concorrente uma garantia de que está inscrito.

Deve dar-se muita atenção aos boletins de inscrição, centralizando-os em cada associação e mandando-os para a Dir. dos Jogos rapidamente, para que não haja pessoas que assinaram o boletim e cuja inscrição não chegou às nossas mãos.

1.3. Quem inscreve quem ?

Pensar que conhecemos toda a gente é fazer com que fique limitada aos nossos amigos a competição. Por outro lado, dar as folhas a todas as pessoas que conhecemos (indicando, claro, a quem as devem devolver depois) é uma maneira certa de assegurar uma participação massiva aos Jogos Florais, através duma rede que se pode multiplicar rapidamente. Assim, movimentaremos uma grande quantidade de pessoas e alargamos o interesse pelos Jogos e pela actividade geral do Movimento. Toda a gente pode agir na qualidade de representante da Comissão Organizadora dos I Jogos Florais Portugueses na emigração.

A questão de saber quem vamos contactar para concorrer aos Jogos tem-se posto a vários camaradas e é, por isso, importante que relembremos a nossa posição: Na 1ª Reunião Inter-Associativa de Fevereiro de 72, quando o regulamento geral foi votado, ficou decidido (V. artigo 1 do reg.) que os Jogos "estão

abertos a todos os grupos culturais e desportivos, bem como a indivíduos isolados, tanto da emigração como de Portugal". Na 1ª reunião da Comissão Directora do MTPE, em Roubaix, este artigo foi de novo discutido, verificando-se a sua justeza. É, portanto errado restringir a participação aos Jogos aos "anti-fascistas" ou às "camadas mais avançadas". Isto é reduzir de qualquer modo a participação das largas massas trabalhadoras a esta manifestação da cultura popular (a este propósito, ver o artigo "Antonio José Saraiva no Júri Literário", no jornal "O Salto" de Janeiro 73). O que deve haver, sim, é por um lado aqueles que nos vamos contactar (o maior número de pessoas possível) e por outro aqueles que se inscrevem se quiserem, não fazendo nós o mínimo esforço para isso (fascistas declarados, etc.) A estes, será a nossa apresentação em qualidade e quantidade e a actuação do júri que os ensinará a não tentarem misturar-se connosco...

1.4. Os fundos.

A questão financeira põe-se-nos mais uma vez. Até este momento estamos a trabalhar única e exclusivamente com dinheiro emprestado a crédito. Esta situação é prejudicial para o andamento dos Jogos e a sua organização. Precisamos de arranjar os locais, material eléctrico, stands, etc., além de pagarmos a propaganda e outro material que já temos gasto e que teremos absoluta necessidade de comprar ou alugar até ao cumprimento desta tarefa. Como ficou decidido na 1ª Reunião da Comissão Directora, em Roubaix, as associações devem organizar festas a favor dos Jogos Florais.

Marcaram já as suas festas o Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris, a Comissão Cultural e Recreativa, de Bruxelas, Roubaix e a Associação Resistência e Trabalho, mas é necessário que as outras associações façam o mesmo o mais rapidamente possível, pois, além de serem um óptimo meio de se coletarem fundos, são outro meio de propaganda a fazer para as inscrições aos Jogos, que terminam a 31 de Março. Todas as festas desta primeira fase devem, por este motivo, ser feitas antes desta data.

A venda do cartaz e dos postais é outro meio de conseguirmos financiar esta nossa actividade inter-associativa. Isto está ligado ao contacto com os participantes: é quase certo que um concorrente vai querer comprar um cartaz, pelo menos para re-

cordação.

2. - A PROPAGANDA

Muitos dos pontos que focamos acima estão intimamente ligados à propaganda dos Jogos: a movimentação da massa associativa dos clubes, a inscrição dum grande número de pessoas, o fomento de grupos de teatro, folclore, as festas, etc. Mas há ainda outros meios de a explorar. Alguns deles nós indicámo-los, mas cada associação, cada indivíduo deve tentar arranjar outros meios de publicidade e de os pôr em prática e, inclusivamente, de os comunicar à Direcção dos Jogos Florais para que ela os possa indicar às outras associações.

Nos vossos boletins devem vir artigos explicando o que são os Jogos e a maneira de concorrer, deve-se espalhar, até mesmo oralmente a notícia dos Jogos Florais, fazer painéis com fotografias de ensaios, artigos de "O Salto" e do vosso boletim, postais, etc., falar nos bailes e outras actividades normais das associações, organizar reuniões de sócios para informação sobre os Jogos, vender os cartazes e postais. Desta maneira, damos a conhecer e activamos a participação do maior número de pessoas; criamos um ambiente geral de interesse pelos Jogos.

Devemos aqui também combater algumas ideias que se manifestaram já em algumas associações e pessoas:

O cartaz não é apenas para vender aos sócios. Devemos ter a iniciativa de os colar em locais de grande concentração de portugueses (cafés, "foyers", salas de alfabetização, hotéis, etc.) pelo que cada associação deve dispôr dum certo número de cartazes além dos que põe à venda aos seus sócios.

Deve-se combater a ideia de que os postais são apenas para enviar em ocasiões especiais. Eles podem servir para a correspondência normal, para quando se escreve a um amigo ou à família, em Portugal. Assim, ele será ao mesmo tempo um meio de propaganda e de colectar fundos.

Camaradas, pensamos que estas ideias, juntas às vossas iniciativas e ao vosso espírito combativo, irão contribuir para que os I Jogos Florais Portugueses na emigração sejam representativos da força dos trabalhadores portugueses.

Esperamos que nos enviem novas ideias e que nos informem sobre o andamento desta campanha na vossa região. Que o vosso trabalho associativo se desenvolva da melhor forma dentro do espírito da criação da União dos Trabalhadores Portugueses Emi-

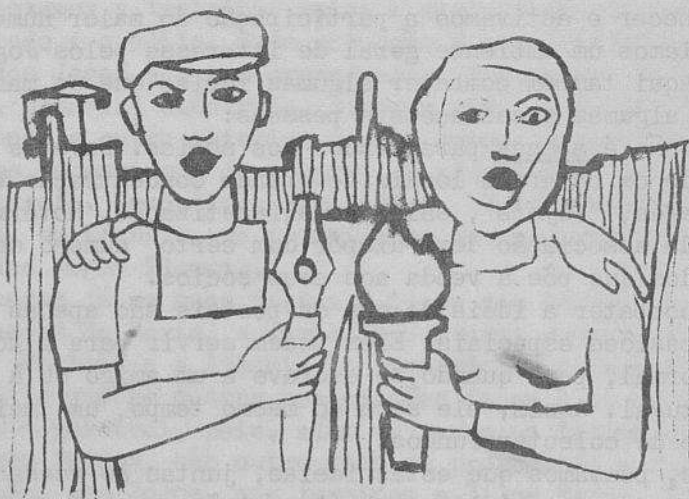
grados e que a consolidação e desenvolvimento do MTPE seja uma realidade.

VIVA O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS !

VIVA A UNIÃO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS !



I jogos florais portugueses



INSCRIÇÕES E REGULAMENTO

Todas as inscrições, pedidos de regulamentos ou qualquer outra informação devem ser feitos para a seguinte direcção :

Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados

56, Rue de la Fontaine-au-Roi 75 - Paris 11 ème



AVISO

Nova data limite das inscrições para os I Jogos Florais

Considerandó:

- o enorme interesse que estão a despertar os I Jogos Florais Portugueses na emigração;
 - os numerosos pedidos de propaganda e boletins de inscrição que nos têm chegado em fins de Março;
 - a impossibilidade material desses grupos e artistas se inscreverem até ao dia 31 de Março;
- a Comissão Permanente do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados (MTPE) decide:
- i) Prolongar a data de inscrição até ao dia 31 de Abril;
 - ii) Prolongar a data de entrega das obras para o concurso literário igualmente até ao dia 31 de Abril.

Ao mesmo tempo, a Comissão Permanente do MTPE apela todas as associações, comissões dos Jogos Florais, trabalhadores, escritores e artistas para que redobrem os seus esforços no sentido de tornarem os I Jogos Florais Portugueses na emigração numa das mais grandiosas manifestações da cultura e do desporto do povo português.

A Comissão Permanente do MTPE está certa de que as decisões tomadas correspondem ao interesse crescente que os Jogos Florais têm vindo a despertar.

Paris, 20 de Março de 1973

A Comissão Permanente do MTPE

A VIDA ASSOCIATIVA

BRUXELAS

EM LUTA PELA DEMOCRACIA INTERNA

0. - INTRODUÇÃO

Realizou-se, no dia 30 de Dezembro de 1972, a Assembleia Geral da Apeb (Associação dos Portugueses Emigrados na Bélgica), na qual tiveram lugar alguns factos que prenderam a atenção dos trabalhadores daquela região. Estes factos antidemocráticos, que culminaram com a expulsão de dois sócios e com a não aceitação por parte da mesa da assembleia duma lista candidata que defendia a adesão ao MTPE, são a expressão dum longo processo de luta dentro desta associação mostrando que, onde existe antidemocracia, existe luta. Por mais árdua que seja esta luta, dela sairão vencedores os defensores da União dos Trabalhadores Emigrados porque, em última análise, uma causa justa vence sempre qualquer outra injusta.

1. - PEQUENA HISTÓRIA DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO NA BÉLGICA

O trabalho associativo na Bélgica teve nos anos de 1968/69 o seu maior desenvolvimento, tendo atraído a ele um elevado número de trabalhadores. É nesta altura que a Apeb consegue pôr o pé algum trabalho e que aparece a Associação de Liège.

Vejamos o caso da Apeb:

Depois de ter conhecido alguns insucessos anteriores, a Apeb com a experiência de alguns dirigentes associativos e a força de muitos jovens que cá chegaram, consegue levar para a frente algum trabalho. Nessa altura, forma-se um grupo de teatro, a equipa de futebol, criam-se os cursos de francês e português, organizam-se alguns colóquios, exibem-se filmes, etc. Durante esse tempo ela organiza várias festas tanto em Bruxelas como em Liège e Watersehei e mesmo fora da Bélgica. E disputa, igual-

mente, alguns jogos de futebol. Estas actividades chamam a si bastantes trabalhadores que então se fizeram sócios daquela colectividade.

Apesar disto, o trabalho caracterizava-se por avanços e re- cuos, chegando ao ano de 1970 já em má situação e sendo levado à inexistência em 1971.

A que se deve este estado de coisas?

Ele deve-se a que os dirigentes da Apeb não souberam orientar o trabalho de uma maneira correcta. Sabe-se que numa associação existem um sem número de ideias. Se não se sabe escolher entre elas as ideias correctas, então o trabalho não avançará. Se essas ideias não predominam sobre as incorrectas, não para se oror simplesmente a elas, mas para mostrar às pessoas que as perfilham que elas não têm razão e fazer, assim, com que elas, depois de compreenderem o seu erro, adoptem as ideias correctas e se dê a união de pontos de vista, então temos cada um a puxar para o seu lado. Em vez de união temos dispersão. Só as ideias justas podem fazer avançar o trabalho.

A mesma coisa acontece se não se define um programa, se não se dá a conhecer às pessoas o que se pretende e de que maneira se pode realizá-lo, numa palavra, se não se definem claramente os objectivos comuns.

E ainda se não se entende que, numa associação de massas, têm lugar todas as pessoas, independentemente das suas crenças políticas ou religiosas. A não ser que se prove serem ladrões ou desordeiros.

Se não se compreende isto, se não se aplicam estes princípios, então os resultados são negativos. Ora, foi precisamente isto que aconteceu na Apeb. Senão vejamos:

Que fizeram os dirigentes da Apeb com a sua equipa de futebol? Fizeram eles com que os membros da equipa puzessem o desportivismo e a amizade acima de tudo e combatessem o vedetismo e outras atitudes erradas? Não. Deixaram as coisas arrastarem-se até que as pessoas decidiram acabar com a equipa. Mais, convidaram a equipa do Benfica a visitar a associação, quando esta se deslocou à Bélgica.

Que fizeram os dirigentes da Apeb em prol da Cultura Popular? Fizeram eles com que as pessoas compreendessem que só a cultura popular serve os seus interesses e que é necessário,



por conseguinte, combater a cultura burguesa? Não. O que fizeram foi cantar fadinhos e deixar o grupo de teatro exhibir peças burguesas, sem mexerem uma palha. Mais tarde, o grupo de teatro, composto por meia dúzia de desequilibrados, abandonou a associação.

Que fizeram os dirigentes da Apeb para dar consciência aos trabalhadores dos seus interesses? Fizeram eles com que os trabalhadores compreendessem que, apesar de se encontrarem num país muito diferente de Portugal, eles continuavam a ser explorados e que deviam por isso lutar pelos seus direitos? Não. O que eles fizeram foi convencer os trabalhadores de que eles estavam muito bem assim e que agora não havia que ter preocupações.

Que fizeram os dirigentes da Apeb pela União dos Trabalhadores? Fizeram eles com que os trabalhadores sentissem a necessidade de se unirem entre eles e aos trabalhadores doutras regiões ou países? Não. O que eles fizeram foi dar meia dúzia de festinhas e dizer umas palavras bonitas, e por aí ficaram. Mais, usando de discriminação para com os sócios e de outras medidas antidemocráticas, vieram foi criar ainda mais a desunião.

Procedendo assim, não admira que tivessem chegado ao estado a que chegaram.

Quanto à associação de Liège deu-se o mesmo, embora de maneira diferente. Lá, uns quantos intelectuais deram cabo daquilo em pouco tempo. Depois, deixou de haver actividades e a associação serviu durante uns tempos de local de encontro e de jogo, tendo agora acabado por completo.

Em 1971, com o aparecimento de "O Salto" e com o apoio de algumas associações de trabalhadores, o movimento associativo na Europa ganhou uma nova forma e uma força que o levou, em pouco tempo, a conseguir resultados até então nunca conseguidos.

Na Bélgica, os colaboradores do jornal, descontentes com a situação existente, lançaram-se ao trabalho. A princípio, começaram por fazer a venda do jornal e depois viram que era necessário levantarem o trabalho associativo. Encontraram pela frente imensas dificuldades causadas pelo estado em que se encontrava o trabalho associativo, pois os trabalhadores mostravam indiferença por ele, devido à má experiência anterior. En-

contraram também uma oposição cerrada ao jornal por parte dos dirigentes da Apeb, que difundiam as maiores mentiras sobre o jornal e sobre eles, o que levou estes a não aceitar colaborar com eles e a querer formar uma associação à parte, cometendo aqui um erro.

Apesar de alguns erros cometidos, conseguiram, porém, que o jornal ganhasse prestígio e se implantasse entre os trabalhadores emigrados. Este foi o grande mérito do trabalho nesse ano.

2. - O TRABALHO DESENVOLVIDO EM 1972

Alguns colaboradores do jornal participam na Reunião Inter-Associativa (RIA) em Paris. Chegados à Bélgica, bastante animados e com vontade de começar logo o trabalho, fundam o Grupo Cultural de O Salto, ao qual nos associamos. Começa-se imediatamente a preparar a nossa participação na "Semana do Emigrante".

Criou-se o grupo de teatro e o Coro 18 de Janeiro. Conseguiram-se mobilizar rapidamente bastantes pessoas.

São apresentadas duas festas, uma em Liège e outra em Poulseur, nos dias 11 e 12 de Março, em comemoração do dia internacional da mulher.

Começa-se a preparação do 1º de Maio. Entretanto, a Apeb reabre em Abril, depois de ter dado um baile.

No 1º de Maio o grupo dá uma festa em Waterschei e em fins desse mês vai à Associação Resistência e Trabalho da Holanda dar outra festa, e lá voltou em Outubro para disputar um jogo de Futebol.

Depois disso o grupo sente a necessidade de reorganizar-se e de desenvolver outras actividades. Iniciou-se então a preparação dessas actividades e, ao mesmo tempo, tem-se efectuado um grande trabalho interno.

Entretanto, a Apeb, fazendo uma nova campanha de sócios, desenvolveu-se e começou a criar algumas actividades.

Sentindo nós a necessidade de união, logo nos fizemos sócios, assim como muitos membros do Grupo. Foi então que os dirigentes da Apeb mostraram o que eram. Mal nos apresentamos, começaram a roer-nos pragas, a fazerem provocações e lançar calúnias, indo junto dos sócios que nos propuseram dizer-lhes pa-

ra terem cuidado com as pessoas que propunham, que nós éramos isto e aquilo, etc. Não queriam aceitar novos sócios, proibiam pessoas de entrar na associação, etc., etc.

Entretanto, a nossa lista candidata-se às eleições. Eles, deram voltas à cabeça para encontrarem qualquer coisa para não a considerarem como válida; uns diziam uma coisa, outros diziam outra, contradizendo-se, e, por fim, disseram que os estatutos, que os sócios não possuem, diziam tal e tal e que nós não obedecíamos a essas condições.

Oito dias depois, realiza-se a A.G. Aí voltaram a repetir-se os mesmos métodos. Simplesmente, a coisa estava bem estudada para que as falcatruas passassem despercebidas aos olhos de muitos associados que não estão habituados a assistir a assembleias.

Veja-se só isto: o presidente da mesa, depois de ler a acta da assembleia anterior, começa a ler um texto da sua autoria o que, é claro, para além das aldrabices que continha, era um ataque dirigido a nós. Isto, como se prevê, influenciou a assembleia e viciou as votações, sendo uma medida extremamente antidemocrática, sem cabimento em assembleias democráticas. Mais, o papel dum presidente de mesa é orientar e dirigir os debates sem tomar posição sobre os assuntos que se discutem.

Além disso, também não se fez o período prévio, antes da ordem de trabalhos, para que sejam tratadas questões fora da mesma, que os sócios tenham a apresentar.

Um sócio pede a palavra quando estava na altura dele falar e o presidente negou-lha.

Votadas duas propostas para a expulsão de dois sócios, os votos a favor eram superiores aos contra, não contando as abstenções, que aliás o presidente nunca contou. Para a lei belga, um sócio só pode ser excluído com a maioria de $2/3$ dos votos, pelo que os dois sócios continuam a sê-lo, dado que os votos nunca atingiram essa percentagem. O presidente, conhecedor disto, fechou-se em copas e não disse nada.

A dada altura, o presidente disse não ser conhecedor da nossa lista e quando chegou o momento das eleições declarou que para uma lista se candidatar era preciso tais condições que vinham expressas nos estatutos. Um membro da nossa lista pede a palavra, ele não lha dá e passa imediatamente à votação.

Terá lugar nos dias 21, 22 e 23 de Abril a 2ª Reunião Inter-Associativa das associações de trabalhadores portugueses emigrados.

Ela realiza-se numa altura em que o fascismo lança uma intensa campanha contra o MTPE, com a realização do Congresso de Mulhouse e a criação da Federação dos Clubes da Região Parisiense; no momento em que em todos os países para onde emigramos são tomadas medidas tendentes a reforçar a repressão e o controle sobre os trabalhadores emigrados. Nesse contexto, o sucesso da 2ª RIA reveste-se duma importância muito particular. As associações não devem, pois, descuidar a preparação da sua participação na 2ª RIA.

A Comissão Directora do MTPE, reunida em Roubaix em Dezembro do ano passado, decidiu comemorar no dia 29 de Abril, simultâneamente em Paris, Lyon, Amsterdã, Bruxelas e Estocolmo o dia 1º de Maio. Essa comemoração terá como tema o internacionalismo e para nela participarem devem ser convidadas as associações amigas em cada país. Outras associações que se queiram juntar à comemoração devem escrever para: MTPE, 56, rue de la Fontaine au Roi 75011 Paris.

COMO BATER UM STENCIL

- 1º - Para se bater um stencil, põe-se a máquina no branco, isto é, pronta a escrever sem fita.
- 2º - Limpar muito bem os caracteres da máquina, com uma escova dura. No caso dos caracteres estarem muito sujos limpá-los com um pouco de álcool.
- 3º - Dado que os caracteres da máquina se enchem de massa do stencil, a sua limpeza deve ser feita muito regularmente. Por isso convém sempre estar atento, pois a má limpeza dos caracteres origina uma escrita deficienteno stencil, particularmente as letras fechadas como m, a, s, e.
- 4º - Ao meter o stencil na máquina deve-se pôr o carroto livre (sem dar estalos) e introduzir o stencil lentamente, verificando que não se vai amarrotando. Se tal acontecer, soltar o carroto, de modo a permitir ao stencil ficar frou-

xo, podendo-se, assim, esticar o stencil.

- 5º - O stencil deve ser batido com muito cuidado. Especialmente as pessoas que não têm muita prática devem-no fazer lentamente. Bate-se só com dois dedos para assegurar que as letras sejam batidas com uma intensidade regular. Há certas letras que devem ser batidas com uma intensidade menor e outras com uma intensidade maior, devido às suas diferentes formas. Por exemplo um o, se for batido com muita intensidade, o círculo do seu interior salta e depois na impressão, em vez de uma circunferência, fica um círculo negro. Mas um m, em contrapartida, precisa de ser batido com uma intensidade superior à média, para ficar bem vincado. Depende, no entanto, do desenho dos caracteres de cada máquina, quais são as letras que precisam de ser batidas com maior ou menor intensidade, o que deve ser verificado durante a batida.
- 6º - No caso de engano, alisa-se o stencil com a unha muito ao de leve e pincela-se com verniz corrector para stenceis. No caso de grandes emendas, deve-se introduzir entre o stencil e o químico uma esferográfica, de modo a que o stencil fique em vão e o verniz não escorra pelo químico. Deve-se usar um bom verniz corrector (Pelikan ou Gestetner). Ao fim de certo tempo de uso, o verniz começa a engrossar dada a evaporação do diluente; nesse caso, não pretender poupar, não o utilizar mais, pois as emendas não ficam boas.
- 7º - O texto deve ser sempre alinhado à esquerda e à direita. Para se alinhar à esquerda coloca-se o marginador. Para se alinhar à direita tem de haver a preocupação de contar os espaços que faltam um pouco antes do fim de cada linha, e deixar mais espaços entre as palavras de modo a bater certo no fim.
- 8º - Quando se começa um parágrafo, deixa-se um certo número de espaços em branco. Se a largura do texto for grande, deixa-se, por exemplo, 5 espaços. Se for curta, deixa-se apenas 3 espaços.
- 9º - Entre dois parágrafos, deixa-se um intervalo maior do que entre duas linhas de texto: esse espaço é vez e meia maior que entre as duas linhas de texto.

10º- As margens que se deixa variam conforme o texto que se pretende bater. No entanto, deve-se deixar sempre a margem esquerda maior que a margem direita.

